

3.1.2 O Acompanhamento Psicopedagógico e Familiar na Educação Infantil: Motivação e Aspectos Emocionais. Dirce Encarnacion Tavares e Evelin Cristhie Silva Bezerra

O Acompanhamento Psicopedagógico e Familiar na Educação Infantil: Motivação e Aspectos Emocionais.

D. E. TAVARES¹ e E. C. S. BEZERRA²

¹ Pós-Doutora em Educação pelo GEPI - Grupo de Estudos em Pesquisa Interdisciplinar da PUC/SP; Diretora Pedagógica do CEFOR – Centro Formador da Cruz Vermelha Brasileira de São Paulo; Pesquisadora do UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista - UNIP. Pós-graduada em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP); Educadora infantil do Colégio Elvira Brandão.

E-mail: dircetav@uol.com.br, _evelin-cristhie@hotmail.com

COMO CITAR O ARTIGO:

TAVARES, D. E. e BEZERRA E. C. S. **O** Acompanhamento Psicopedagógico e Familiar na Educação Infantil: Motivação e Aspectos Emocionais. **Unifitalo em Pesquisa**, URL: www.italo.com.br/pesquisa. São Paulo SP, v.6, n.4, p. 53-77, out/2016.

RESUMO

É na educação infantil que a criança tem as primeiras experiências educacionais em ambiente escolar. Antes disso ela tem bagagem própria, adquirida na convivência com o meio. Tais conteúdos foram assimilados e acomodados por meio das experiências boas e ruins. Baseado nessas experiências a criança também constrói e amadurece seu emocional, para futuramente ter controle de suas emoções e reações. Por meio de recorrentes desestabilidades emocionais, a criança apresentará fracasso escolar, perfil desafiador opositor, problemas de socialização, bem como transtornos e síndrome específicas. O Psicopedagogo é capacitado para auxiliar o aluno, a família e a instituição. Este profissional visa compreender as dificuldades de aprendizagem como também suas causas e tratamento, tendo um caráter curativo e preventivo. Com tal parceria buscam-se métodos apropriados para avaliar o quadro do paciente e principalmente seu estado emocional e autoestima. Como intervir e como auxiliar pais e escola frente ao desenvolvimento emocional do aluno, também fará parte do cronograma deste profissional durante o acompanhamento, pois antes de tudo esse é um trabalho firmado nas emoções e parceria dos envolvidos.

Palavras-chave: educação infantil, desenvolvimento emocional, psicopedagogia.

ABSTRACT

It's in early childhood education that children have their first educational experiences in school. Before that they have their own knowledge, acquired in coexistence with the environment. Such contents were assimilated and accommodated through good and bad experiences. Based on these experiences the child also builds and matures their emotional development, to further take control of their emotions. Having these emotional disabilities, the child presents school failure and a challenging attitude, socialization problems as well as specific disorders and syndromes. There is a professional able to help the student, the family and the school. This professional is the educational psychologist. This psychologist observes learning difficulty as well as it causes and treatments. With this partnership are sought methods to evaluate the patient, their emotional state and self-esteem. How to intervene and assist parents and school forward to the emotional development of the student will also be part of this professional schedule during follow-up, because above all this work is based on the partnership of those involved.

Keywords: children, emotional development, psycho pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, se procura compreender melhor a influência das expectativas e crenças do adulto em relação ao desenvolvimento e desempenho da criança.

Na aquisição do conhecimento, temos a influência involuntária e inevitável do meio e convívio social. As mudanças de comportamento e de atitudes sofrem alterações ao longo da vida e é na infância que adquirimos, desenvolvemos e seguimos modelos de comportamento.

Ao longo do desenvolvimento, a criança nos revela o ambiente familiar em que está inserida, apresentando assim a impressão de como é o mundo, as pessoas e quais modelos de comportamento são esperados frente a diferentes situações. Por mais simples que seja, podemos citar como exemplo, a maneira que um bebê é acolhido quando chora ou como é alimentado quando sente fome. A forma como ele é tratado no dia a dia será a realidade normativa de como é viver e conviver no ambiente.

Falamos de padrões e comportamentos, mas, sobretudo para que estes se desenvolvam de forma adequada e sadia deve estar estreitamente ligado em concordância com a saúde mental, que é o desenvolvimento emocional interligado ao respeito, limites e disciplina positiva. Estas questões estão relacionadas ao aprender e ensinar do indivíduo, pois quando a criança é inserida no ambiente escolar, desde a educação infantil sua identidade, caráter e capacidade cognitiva deverão estar em construção e transformação. Para que esse desenvolvimento ocorra de forma saudável, deve haver a participação e envolvimento da família. A parceria entre escola e família frente ao comportamento

emocional, físico e patológico da criança devem ser trabalhadas em prol ao apoio mútuo dos envolvidos.

Se contarmos com tal cumplicidade poderemos resgatar a essência e em algum momento firmar confiança, autocontrole, construção da identidade, conhecimento, desempenho escolar, saúde mental etc. Essa criança em formação sofrerá mudanças positivas que diminuirá relativamente o número de evasão e fracasso escolar.

Neste trabalho foi pesquisado se a criança por si só é capaz de fazer uma leitura das expectativas que o outro tem em relação a ela e se é capaz de correspondê-las naturalmente como resposta a pressão emocional. A investigação do artigo observa quais ferramentas o psicopedagogo pode utilizar para avaliar o quadro da criança, como intervir e como auxiliar os pais e escola nesse processo.

2 OBJETIVOS

2.1 Gerais

- Entender sobre a influência das expectativas, ações e subjetividades do psicopedagogo em relação ao desempenho escolar e social da criança;
- Analisar as medidas recorrentes que são tomadas pelo responsável frente a situação;
- Compreender a relação das emoções (alegria, raiva, ansiedade e frustração) a produtividade.

2.2 Específicos

- Identificar os aspectos emocionais que acarretam dificuldades na evolução da criança;
- Elaborar um paralelo sobre atitudes eficazes e não eficazes frente ao comportamento emocional e social da criança.

3 METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa prioriza os aspectos subjetivos do comportamento humano e social, então se faz necessário aprofundar-se no universo conceitual do sujeito buscando entender como e que tipo de sentido ele dá aos acontecimentos e interações da sua vida. Acredita-se que as experiências de vida do ser humano têm influência significativa em seu comportamento e naturalmente ele os reproduz. Em primeiro lugar, cabe ao psicopedagogo coletar todos os dados fielmente, apoiando-se no “por que e como fazê-la”, pois oferece informações intrínsecas que não podem ser mal interpretadas ou reproduzidas. Como toda e qualquer temática o pesquisador deverá seguir a ética da pesquisa qualitativa (FLICK, 2009).

Na abordagem qualitativa de pesquisa também se tem a ideia do interacionismo simbólico e esse conceito se firma mais uma vez com as autoras Fazenda, Tavares e Godoy (2015, p. 62), informando que “é definida mediante a forma como a relação entre pesquisador e pesquisado se configura... essa abordagem depende, muito mais que a pesquisa tradicional, de uma boa forma de comunicação, de percepção e de intuição significativa, pois as questões são subjetivas e podem ser mal interpretadas”.

Chizzotti (2011) também fala sobre a metodologia empregada. O autor defende a pesquisa qualitativa, porém não descarta a quantitativa. Diz que a pesquisa é qualitativa pois analisa significativamente os dados coletados e além disso, não deixa de responder à objetividade de uma pesquisa.

Após alguns estudos e pesquisas sobre abordagem qualitativa, pode-se notar a tendência que os pesquisadores a adotam. Por exigir maior reflexão sobre os dados, tem sido mais eficaz e produtiva nas dissertações teóricas. Também vem atendendo outros segmentos de conhecimento além da educação.

4 DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E O AMADURECIMENTO DA CRIANÇA

Ao longo do tempo a criança estabelece contato constante com o meio, dando início a sua organização e amadurecimento, notando que existem culturas distintas da sua. Desde bem pequena necessitará de um facilitador para melhor compreender o seu redor. Crescer pode parecer simples, mas não quando se carece de afeto, organização e disciplina. Segundo Dreikurs (*apud*: NELSEN, 2015), é muito importante ser gentil e firme em nossas relações com as crianças, pois a gentileza é importante para mostrar respeito a eles e a firmeza a nós mesmos. A primeira infância necessita de pessoas que compreendam a importância do pensamento, mas que, contudo, as entenda em suas séries de transformações, que podem causar possíveis desorganizações neurológicas e emocionais. Se bem mediadas e acolhidas, será mais um degrau de grande transformação positiva.

O egocentrismo, medo e autoestima são questões cruciais para todas as crianças e que também compõe a *educação emocional*. Para uma criança insegura e desprotegida essas passam a ser áreas mais sensíveis. Steiner (2001, p. 23) cita que a educação emocional é composta por três disposições, sendo elas: entender as emoções, ouvir as pessoas com empatia e expressar os sentimentos produtivamente. Quando existe sentimento, ambiente e pessoas convenientes, à criança eleva sua confiança subjetiva e se arrisca, evoluindo integralmente as áreas do desenvolvimento humano, principalmente a subjetividade. Claro que isso não significa uma progressão sem frustrações, negatividade ou tropeços.

Se não houver comprometimentos ou transtornos neurológicos, todos são capazes de aprender conteúdo. Mas por falta de apoio, as pessoas podem se sentir desmotivada, limitando sua capacidade de maneira superficial. Se não compreendida, a criança pode manifestar uma conduta inadequada com o grupo, gerando problemas de comportamento. Como podemos constatar as sequelas são as mais abrangentes. Começa com dificuldades inteligíveis e acaba com um problema que pode se estender pela vida, como por exemplo depressão, desvio de conduta e perfil desafiador opositor.

O desenvolvimento emocional necessita de uma base sólida e deve ser bem trabalhado desde o nascimento e estender-se com ainda mais reforço na primeira infância, ou seja, na educação infantil, bem como período escolar. “A educação emocional não é apenas uma liberação das emoções. É igualmente importante compreender, administrar e controlar as emoções” (CLAUDE STEINER, 2001, p. 23). Nessa época, a criança como um todo está em desenvolvimento procurando se situar como membro no meio e no grupo.

A reação da família e da sociedade frente às emoções e dificuldades da criança interfere positivamente ou negativamente no desenvolvimento das habilidades. Quando a reação é de aceitação, acolhimento e confiança a autoestima da criança se elevará e então consequentemente ela acreditará em si mesma. Com comprometimento e apoio da escola, da família e dos profissionais podemos contemplar superações de obstáculos que por vezes tornam o sucesso tão distante.

Já dizia Claude Steiner (2001, p. 23):

Ser emocionalmente educado é ser capaz de lidar com as emoções de modo a desenvolver seu poder pessoal e a qualidade de vida que o cerca. A educação emocional amplia os relacionamentos, cria possibilidades de afeto entre as pessoas, torna possível o trabalho cooperativo e facilita o sentido de comunidade.

Além de oferecer apoio e reforços nas questões educacionais e escolares, é importante elevar a autoestima, validando o que as crianças podem fazer da melhor forma possível. Respeitar a individualidade, oferecer diferentes formas de expressar sua criatividade, elogiar os esforços a cada dia, orgulhar-se de seus feitos e persistência, cultivar as dádivas como pontos fortes e encorajar a independência são ótimas oportunidades para encoraja-las.

Em grande parte das vezes a tristeza e desânimo acompanham a criança com baixo rendimento ou “sucesso” escolar/social, isso devido ao decorrente fracasso em seus esforços. Essas dificuldades geralmente provocam isolamento, agressividade e angústia. Estes sentimentos de inferioridade provocam frustrações, bem como a reprovação e maior evasão escolar. De maneira quase irracional comportamentos agressivos representam um papel decisivo no amadurecimento da afetividade e podem assumir duas formas

diferentes: ataques e afugentamentos e a punição de figuras parentais (BOWLBY, 2015). A diminuição do autoconceito e as reações de rebeldia causam consequências profundas a nível emocional e podem se agravar ao longo da vida/desenvolvimento.

As crianças rotuladas ou excluídas tendem a exibir um quadro cuja característica é a redução de interesse por atividades, variando de pessoa para pessoa. Passa a recusar/evitar situações e ocupações que exigem leitura e escrita, convívio social, interação com o meio que são substituídas por sentimento de tristeza, insegurança, inferioridade, frustração, comportamento de oposição e desobediência perante os pais, professores, colegas e até a sociedade.

5 A EVOLUÇÃO DO OLHAR HUMANO PARA COM A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA.

Há muitos anos atrás se ouvia dizer que a criança nada mais era que um depósito de informações, ou melhor, dito por John Locke uma tabula rasa, pois esse filósofo inglês e protagonista do empirismo dizia que todas as pessoas ao nascerem não possuíam nenhum conhecimento. Ao longo do tempo esse paradigma foi quebrado e a cada dia mais se acreditava na capacidade do homem como ser racional desde o seu nascimento e no decorrer do desenvolvimento da primeira infância. Bowlby (2015, p. 146) defende que desde os primeiros trabalhos de Freud, um princípio fundamental da psicanálise tem sido de que as bases da personalidade são alicerçadas durante os primeiros anos da infância. Comparando as ideias do filósofo com a do neurologista podemos então concluir que a criança assim como o adulto

pode evoluir em pensamentos, habilidades e espécie desde muito cedo, assim como as teorias de ambos.

Após ganhar espaço como um ser pensante e ativo na sociedade a infância passou por outras lutas relevantes para o direito e acesso a educação. No início esse acesso era oferecido somente às crianças mais velhas ou adolescentes de famílias mais privilegiadas. Por meio de movimentos e leis revolucionários a educação passou a ser oferecida a todas as classes sociais e idades.

Com isso a evolução do olhar humano para com a aprendizagem da criança também ganhou força principalmente no Brasil onde leis as defendem e são chamadas de LDB – Lei de Diretrizes e Bases. Nesse documento nacional pode-se encontrar no Título V, Artigo 21: “A educação compõe-se de: I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior.” Pode-se entender que a criança e seu desenvolvimento integral durante a primeira infância tem valor indiscutível e relevante para a sociedade e para o futuro.

Também na Sessão II, Artigo 29 do mesmo documento se encontra:

Da educação infantil: A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB, 2013, lei nº 12.796).

Tomando como base a LDB e RCNEI Referencial curricular nacional para a educação infantil pode-se dizer o quanto o desenvolvimento infantil é importante na formação da personalidade bem como da moral e da ética. A participação da família, da sociedade,

do estado e da escola tem papel importantíssimo nessa construção. Como registrado no RCNI (1998, p. 21): “A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também a marca”.

Com ideologias e contraposições similares, tanto a LDB quanto o RCNI revelam objetivos em comum, buscando conscientizar e defender um número cada vez maior de brasileiros sobre “ser mediador influente” na vida das crianças.

Junto à nova ótica pela educação das crianças, também surgiram novos especialistas na área e cada um deles vem contribuindo cada vez mais com as questões educacionais em ambiente escolar. Pode-se, por exemplo, contar com a assistência de orientadores educacionais, coordenadores, terapeutas, médicos especialistas e principalmente com os psicopedagogos.

6 A GÊNESE: O APOIO FAMILIAR

Existem conceitos que estão ligados a sentimentos e são fundamentais para que a criança se sinta segura para admitir e aceitar dificuldades. A origem da consciência emocional é bem primitiva e vem do cérebro. Emoções são inatas e vão se moldando no decorrer da vida através das experiências positivas e negativas que vivemos. Essa consciência nada mais é do que a capacidade de compreender nossas próprias emoções, para usa-las produtivamente e saber o que estamos sentindo, o que os outros sentem, desvendar a causa dos sentimentos e

entender os prováveis efeitos que eles exercem sobre as pessoas (STEINER, 2001).

Conhecer seu filho não significa apenas amar e presentear, mas também relacionarem-se, intriga-lo, questiona-lo, doar-se, desafia-lo, proibir, permitir e principalmente disciplina-lo com amor, crenças e valores. É na família que se transforma o caráter. Qualquer projeto futuro na vida da criança ou do adolescente depende da participação e incentivo afetivo da família.

Jean-Jacques Rousseau (*apud*: CHALITA, 2001) sustentava a ideia de que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Para ele o homem bom é aquele que se encontra no estágio primitivo ou na tabula rasa, aquele que não foi contaminado pela civilização. Esse era o mito do bom selvagem. Mas hoje a civilização, ou melhor, chamada de sociedade tem muito a contribuir com a evolução da criança, porém cabe à família responsabilizar-se pela educação e formação do caráter moral e ético independente das discordâncias culturais. Mesmo com todo o apoio e todas as expectativas da família, jamais podemos desconsiderar as individualidades e características de cada um, pois muitas das vezes as famílias podem criar expectativas pessoais esquecendo que o espaço de sonhar é individual, cada um sonha o próprio sonho, mas não vive a realidade do outro. Isso não é ser imaturo ou individualista, pois mesmo dessa forma pode haver entre pais e filhos diálogos e conversas bem esclarecidas, para que haja uma concordância e participação significativa.

Além de garantir a educação, o afeto e o sustento, cabe também à família transmitir valores da sociedade em que vive. A família é um sistema em transformação e constantemente recebe e envia sinais, se adaptando a diferentes estágios. Esse ciclo familiar diz respeito a

características, costumes, valores e culturas funcionais em cada uma das etapas de desenvolvimento que se estendem por gerações. Essa etapa age na verdade como um sistema que se transforma ao longo do tempo como um espiral.

A capacidade de mudanças também pode ser entendida como a predisposição dos pais de aceitar e aprender a lidar com os diferentes perfis de personalidade e aprendizagem do filho.

Tais mudanças estão estreitamente ligadas ao ingresso dos filhos na escola. Na visão de Macedo (1994, p. 195), “As expectativas em relação ao desempenho escolar aumentam e assumem maior importância na vida da família”. Com a evolução dos tempos e a inserção da mulher no mercado de trabalho, cada vez mais as famílias procuram por instituição de educação infantil, buscando a oportunidade de oferecer uma boa escolarização e futuro melhor a nível universitário e profissional. Os pais visam assegurar aos filhos uma melhor posição na vida e então a escola passa a ser uma aliada influente na vida familiar. Desta forma a escola e o lar passam a ser os ambientes mais frequentados pelo indivíduo e ambos necessitam unificar a linguagem, os objetivos e ações em prol da criança para avaliarem a progressão e o desenvolvimento dele.

Crianças com dificuldades escolares e de relacionamento não optaram por tê-las ou desenvolve-las, mas é uma realidade que existe.

7 A PARCERIA ENTRE FAMILIA E ESCOLA

Antes mesmo de a criança ingressar na instituição de ensino, ele traz consigo conhecimentos adquiridos anteriormente, uma pré-história de sua experiência. Antes de ir a escola ela apresenta conhecimentos

sobre o que é relacionamento, sentimentos, convívio, leitura, escrita, números e etc, mesmo não sabendo da maneira afetiva.

Segundo Galvão e Di Pierro (2007, p. 13):

(...) nem todos os povos partilham a mesma experiência histórica ou condições econômicas e culturais similares. Isso torna problemática a generalização das premissas relacionadas à alfabetização, na medida em que obscurece a compreensão dos grupos sociais entre os quais predominam as formas orais de comunicação, o que deixa terreno aberto ao estabelecimento de hierarquias sobre as quais se constroem preconceitos.

Portanto aceitar o outro com sua bagagem é uma questão que deve ser trabalhada, estudada e respeitada. Chalita (2001) afirma que de nada adianta os pais escolherem para seus filhos uma escola que prepare para o vestibular, sendo que existem questões mais importantes, como a formação do eu com equilíbrio. O necessário é encontrar uma instituição que junto aos valores familiares estimule a maturidade para enfrentar problemas, desenvolvendo habilidades emocionais e sociais. Esse processo de integração e respeito entre os indivíduos deve partir do lar se estendendo nos anos seguintes, com a contribuição da escola na educação básica.

A escola como participante ativa nesse processo deve expor e orientar de forma clara sua filosofia e objetivos para que a relação dialógica se estabeleça. Por meio desses esclarecimentos o contato entre ambos possibilitará um trabalho eficaz e uniforme (MACEDO, 1994). Para complementar a importante ação da escola na vida das familiares, contamos também com o argumento de Chalita (2001, p. 59) onde defende que: “a capacidade de aprender a aprender, a visão ampla de mundo, o saber pensar são desafios reais para a escola do século XXI. A escola do presente deve formar seres humanos com

capacidade de entender e intervir no mundo...”. Por meio dessas colocações vemos que a parceria e o aprendizado podem ser libertadores, pois existira além da dedicação, o prazer de se relacionar com a criança, família e escola podendo construir uma história feliz com experiências positivas e significativas.

8 A CRIANÇA COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

É comum encontrarmos crianças com dificuldades de aprendizagem nas escolas em diferentes anos escolares. Geralmente essas dificuldades são recorrentes em seu histórico, podendo ter origens ligadas a fatores orgânicos, fatores específicos, fatores psicógenos ou fatores ambientais (PAÍN, 1985). É importante diferenciar as dificuldades específicas das limitações existentes nas áreas da linguagem, da motricidade, do intelectual e neurológico. Qualquer uma dessas dificuldades pode afetar as demais, pois o desenvolvimento da criança é um processo global ligando uma dificuldade ou evolução nas outras.

Chalita (2001, p. 14) afirma que:

O processo de aprendizagem é complexo e qualquer radicalização cria um fosso intransponível. Todo aluno traz uma carga de coisas boas e ruins da própria família: são *bloqueios, medos, ansiedades e outros traumas* que atrapalham o processo de aprendizagem porque geram insegurança. É preciso se dispor a conhecer cada um deles para auxiliá-los.

Não é uma tarefa fácil para a família, ou seja, para os pais assumir que seu filho possa ter alguma dificuldade. Aceitar e apontar tais dificuldades requer habilidades para que ninguém assuma ou aponte a culpa. O problema tem que ser encarado com comprometimento. Trata-

se também de uma oportunidade riquíssima para o exercício da vida social.

Tomando como base Acampora (2013), existem síndromes e transtornos que afetam as crianças em anos escolares. As principais são: dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia, TDAH Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, autismo, síndrome de Asperger, transtornos desintegrativos, psicoses infantis e alguns outros.

9 O PSICOPEDAGOGO AGINDO COM A FAMÍLIA E PACIENTE.

O psicopedagogo age como um profissional da educação que estuda as dificuldades de aprendizagem especialmente em anos escolares. Ele atua principalmente nos procedimentos de avaliação e intervenção. Na visão de Acampora (2013, p. 19) “o psicopedagogo é o profissional preparado para atender crianças, adolescentes ou adultos com problemas de aprendizagem, atuando na prevenção, diagnóstico e tratamento clínico e institucional”. Problemas esses que são manifestados de inúmeras formas e sintomas ao longo do desenvolvimento, tornando-se um fenômeno complexo e por vezes, mal interpretado.

Antes de tudo esse profissional agirá como mediador e para tanto deve renovar o conhecimento, pois o que foi aprendido ontem pode não ter mais sentido, pois tudo está em constante transformação. Em relação a renovação do conhecimento, Chalita (2001, p. 195) diz:

O aprender a aprender não envelhece nunca. Trata-se de habilidade, de uma constante perspectiva de lançar-se ao novo através de cursos, leituras de livros, outros profissionais, etc.... não pode haver acomodação ao conhecimento já adquirido ou ao patamar profissional anteriormente atingido.

Inserir-se e conviver com a família, escola e sociedade é um grande desafio. Por mais simples e harmônica que seja a situação, compartilhar o meio com outras culturas que tem diferentes visões de mundo, acaba se tornando um quadro complexo, ainda mais para fragilidade emocional.

Alguns portadores de dificuldades de aprendizagem possivelmente já apresentaram outras dificuldades na vida além da escolar. Problemas esses ligados a educação emocional, tais quais: baixa autoestima, instabilidade nos vínculos afetivos, vulnerabilidade a críticas e descrença no próprio potencial (CHAMAT, 2008).

Como todo ser racional, temos limitações, portanto cabe ao indivíduo (pais, professores e psicopedagogo) refletir sobre suas ações, se questionando de como agir, que atitudes tomar e como reconstruir situações de possíveis dificuldades, crises e stress. Se trabalhado em conjunto, com certeza a resposta e soluções serão positivas, podendo reverter o quadro de maneira significativa.

A família tem a difícil tarefa de conviver diariamente com dedicação, responsabilidade, disciplina, amor, paciência e criatividade de modo que o relacionamento não se torne algo penoso, não provocando a ira dos filhos ou dos “pais” (CHALITA, 2001).

Algumas posturas podem complementar o trabalho do psicopedagogo para a elevação da autoestima e o sucesso do paciente em casa, na escola e na clínica. Completam essa lista atitudes como (FRANK, 2003):

- Acreditar nas capacidades e que da maneira como ele é, sempre será capaz. Assim a autoconfiança será trabalhada e desenvolvida, encorajando-o há atingir seus objetivos;

- Trabalhar o sentimento de raiva e frustração. Esses sentimentos podem se alojar na mente e coração. Achar maneiras de canalizar ou libera-las seja com esportes, brincadeiras ou acompanhamento de outros profissionais qualificados;
- Lembrar a ele que tem pontos fortes e que você tem interesse por isso. Seus talentos são essenciais para fazê-lo sentir-se bem;
- Mostrar que nunca estará sozinho, podendo contar com para superar as dificuldades de aprendizagem e de relacionamento.

Depois de internalizadas e adotadas a postura de validação dos sentimentos, o psicopedagogo deve unificar os procedimentos junto à família para o enquadramento e início das intervenções buscando as soluções e estratégias pertinentes ao quadro do aluno, tendo em vista as atitudes para elevar a autoestima e confiança.

10 INTERVENÇÕES PSICOPEDAGOGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.

Por maior que sejam as dificuldades ou por mais inadequadas que sejam as opiniões, cabe ao psicopedagogo respeitar o ponto de vista e a bagagem que a criança e família trazem. Por meio de seu conhecimento prévio, o aprendiz poderá eliminar suas dificuldades. A repressão, a correção e o castigo não são ferramentas eficazes no processo de aprendizagem; podem reprimir e acarretar mais traumas, bloqueios, medos e ansiedade, dificultando os atendimentos clínicos e a evolução do paciente.

A sensação de ser diferente pode trazer alterações no comportamento como a agressividade, fobia, medo, timidez, pessimismo

e baixo rendimento escolar. Diante dessa situação as intervenções psicopedagógicas devem antes de tudo analisar, planejar, identificar e finalmente intervir por meio dos diagnósticos e tratamentos. Todo esse processo ocorrerá por meio de diálogos, provas operatórias, desenhos, EOCA Entrevista interativa centrada na aprendizagem e anamnese (ACAMPORA, 2013).

Tomando como base o delineamento de intervenção de Chamat (2008), temos um roteiro esquematizado do acompanhamento psicopedagógico que se resume em: 1) Enquadramento: da problemática para as sessões de tratamento; 2) planejamento das atividades a serem desenvolvidas; 3) desenvolvimento das sessões: observações e aspectos centrais, secundários e interpretações operacionais com registro; 4) avaliação: do paciente e do processo interventivo.

A cada consulta o psicopedagogo analisa as produções e comportamento da criança e também da família, pois o fracasso escolar tem estreita ligação com o relacionamento familiar. Essas características aparecem com evidencia nas atividades, jogos e principalmente nas brincadeiras, no faz de conta e representações gráficas (desenho) de forma natural.

Esse profissional deve estar disposto a atender as necessidades do sujeito, da família e da escola principalmente no momento da devolutiva que é geradora de grande ansiedade, pois é a resposta da dimensão do problema. Daí ressalta mais uma vez a influência do equilíbrio emocional e da terapia por parte do psicopedagogo. “Não podemos negar que, como área de estudo a psicopedagogia também utiliza um ponto de intersecção com a psicologia e vice-versa” (CHAMAT, 2004, p. 24)

Reconstruir a confiança parental, as questões subjetivas, amenizar a ansiedade e culpa dos envolvidos também é papel do psicopedagogo. Nos momentos das consultas ele precisa acreditar em suas ferramentas, tendo convicção em seus aconselhamentos para as famílias, escola e paciente, para que se sintam envolvidos de corpo e alma, rumo aos objetivos que almejam.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo firmados no conhecimento, amor, fé, respeito e esperança é possível educar as crianças nos dias atuais sem dolorosos traumas psicológicos, transtornos adquiridos ou até gastos financeiros exagerados.

Encontrar pessoas e profissionais especializados como o psicopedagogo, é a viagem em estrada mais tranquila. Ao deixar essa procura para o futuro, talvez doa, gaste mais do que imaginamos, e pior, as consequências podem ser drásticas.

A melhor intervenção é aquela onde os pais, escola e psicopedagogo trabalham em união, em equipe, buscando um mesmo objetivo, o de educar e restabelecer o equilíbrio emocional da criança frente ao vínculo com o saber acreditando nas intervenções que serão tomadas bem como no poder de suas ações.

O psicopedagogo em sua formação teórica e prática tem muito a contribuir com reestabelecimento dos vínculos afetivos da criança com a família e principalmente com a sondagem, tratamento interventivo e evolução do aluno em sala de aula e para a vida. Toda essa mudança está sujeita a estabilidade que ao longo das vivências devem ser

moldadas em parceria não só com o próprio sujeito (criança/aprendiz) como também as três outras instâncias (família, professores e psicopedagogos).

Os valores, o amor e o afeto contagiam e aos poucos tomam conta da mente, de corpo e da alma e assim preparam para a vida.

REFERÊNCIAS

ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia clínica**. O despertar das potencialidades. 2 ed. Rio de Janeiro, Wak editora, 2013.

BAUER, James J. **Dislexia**: ultrapassando as barreiras do preconceito. São Paulo, Casa do psicólogo, 1997.

BOWLBY, Jonh. **Apego, a natureza do vínculo**: Vol. 1. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

_____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo, Martins Fontes, 2015.

CAMPOS, Maria Célia Malta. Psicopedagogo: um generalista-especialista em problemas de aprendizagem. *In*: OLIVEIRA, Vera e BOSSA, Nadia (orgs). **Avaliação psicopedagógica de crianças de 0 a 6 anos**. 10 ed. Petrópolis – RJ, Vozes, 2000.

CHALITA, Gabriel. **Educação, a solução está no afeto**. 7 ed. São Paulo, Gente, 2001.

CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de intervenção psicopedagógicas**. São Paulo, Vetor, 2008.

_____. **Técnicas de diagnósticos psicopedagógicos**. São Paulo, Vetor, 2014.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, George Forman. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre-RS, Artmed, 2008.

FRANK, Robert. **A vida secreta de uma criança com dislexia**. *In*: LIVINGSTON, Kathryn E. (org.). São Paulo, M Books, 2003.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre-RS, Artmed, 2009.

GOMES, Marina Pereira. O conceito de distúrbio psicomotor. In: OLIVEIRA, Vera e BOSSA, Nadia (orgs). **Avaliação psicopedagógica de crianças de 0 a 6 anos**. 10 ed. Petrópolis – RJ, Vozes, 2000.

MACEDO, Rosa Maria. A família diante das dificuldades escolares dos filhos. In: OLIVEIRA, Vera e BOSSA, Nadia (orgs). **Avaliação psicopedagógica de crianças de 0 a 6 anos**. 10 ed. Petrópolis-RJ, Vozes, 2000.

MASINI, Elcie F. Salzano; SHIRAHIGE, Elena E.; NEVES, Siloé Pereira. **Uma jornada de reflexão sobre a prática em psicopedagogia**. São Paulo, Vetor, 2005.

NELSEN, Jane. **Disciplina Positiva**. 3 ed. Barueri-SP, Manole, 2015.
PAÍN, Sara. **Diagnósticos e tratamentos dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre-RS, Artmed, 1985.

STEINER, Claude e PERRY, Paul. **Educação emocional**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

TAVARES, Dirce Encarnacion. Olhar. In: Fazenda, Ivani (org). **Interdisciplinaridade - Pensar, pesquisar e intervir**. São Paulo, Cortez, 2014.

WINNICOTT, D.W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

_____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imagino editora LTDA, 1975.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da educação**. 7º ed. Porto Alegre – RS, Artmed, 2000.